

A repercussão internacional

por Maria Helena Tachinardi
de Brasília

A eleição presidencial brasileira conseguiu destaque no The New York Times com a publicação, nos últimos dias, de várias matérias enfocando desde a situação econômica no Brasil até o ressurgimento do movimento monarquista. O correspondente do jornal no Rio de Janeiro, James Brooke, que acompanha a apuração no Centro de Convenções de Brasília, chamou a atenção de seus leitores, na principal reportagem da série, que foi capa do caderno Business, na edição de domingo, para a

“encruzilhada entre duas opções: a esquerda e a direita”.

Para revelar aos norte-americanos um quadro mais compreensível, procurou mostrar como as pessoas vivem no Brasil com uma inflação de 40% ao mês. “Falei do jeito brasileiro, do uso generalizado de cartões de crédito, da disparada da venda de calculadoras, da aplicação dos salários em utensílios domésticos, uma maneira de evitar a perda do poder aquisitivo.”

Outra publicação de grande prestígio nos EUA — The Wall Street Journal — especializado em finan-

ças e negócios, tem dedicado menos espaço à eleição no Brasil. O enviado especial Thomas Kamm, conta que fez inúmeras tentativas de emplacar matérias sobre o “caso Sílvio Santos”, os resultados das pesquisas e uma entrevista com o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega. Mas o seu jornal adiou por vários dias a publicação do material devido à importância que adquiriu a situação na Europa Oriental, com as mudanças na Alemanha.

Considerado um jornal conservador, The Wall Street Journal é um importante formador da opinião

empresarial. Segundo Kamm, se Luiz Inácio Lula da Silva for eleito presidente, a população norte-americana tenderá a reagir de “uma forma primitiva”. “Você menciona a palavra radical e as pessoas ficam com medo. Mas os norte-americanos são pragmáticos, e se tiverem certeza de que seus investimentos serão bem recebidos logo se despreocuparão.”

Kamm considera que poderá haver semelhanças entre o presidente Carlos Menem, da Argentina, e Lula. Depois da posse, Menem revelou-se pragmático, conclui.